

Teste da Avaliação – 11.º Ano
O Sermão de Santo António aos Peixes, de Padre António Vieira

GRUPO I

TEXTO A - Leia o seguinte excerto do *Sermão de Santo António*, de Padre António Vieira.

5 “Vós”, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, “sois o sal da terra; e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela, que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa da corrupção? Ou porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes sendo a verdadeira doutrina, que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga e os Pregadores dizem uma coisa, e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

10 Suposto pois que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deixe salgar; que se há de fazer a este sal, e que se há de fazer a esta terra? O que se há de fazer ao sal, que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus* [Mt 5, 13] Se o sal perder a substância, e a virtude e o Pregador faltar à doutrina, e ao exemplo, o que se lhe há de fazer é lança-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência, e de ser posto sobre a cabeça, que o Pregador, que ensina, e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo, e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prega o contrário.

20 Isto é o que se deve fazer ao sal, que não salga. E à terra, que se não deixa salgar, que se lhe há de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande Português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda, e gloriosa resolução, que nenhum Santo tomou. [...] Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? [...] Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias, deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: “Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.”

Apresente, de forma estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. **Integre** o excerto apresentado na estrutura interna e externa do *Sermão de Santo António*, **referindo-se** à temática abordada. (15 pontos)
2. **Identifique** duas críticas sociais no excerto e **relacione-as** com a exemplaridade de Santo António. (20 pontos)
3. **Apresente** duas características da linguagem e estilo de Vieira, **comentando** a expressividade de cada uma. (15 pontos)

TEXTO B

Leia o seguinte excerto do capítulo V do *Sermão de Santo António* que se segue.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão Polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que São Basílio, e santo Ambrósio. O Polvo com aquele seu capelo na cabeça parece um Monge, com aqueles seus raios estendidos, parece uma Estrela, com aquele não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, 5 testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do Polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores, a que está pegado. As cores, que no Camaleão são gala, no Polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no Polvo são verdade, e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no 10 lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que outro peixe inocente da traição vai passando desacomatado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque não fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros O prenderam: o Polvo é o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o Polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é 15 verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O Polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição, e roubo, que faz, é à luz, para que não distinga as cores. Vê, Peixe, aleivoso, e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menor traidor.

4. O texto centra-se na figura do Polvo.

4.1. **Caracterize-o**, tendo em conta a sua aparência e a sua verdadeira essência. (10 pontos)

4.2. **Explique** o sentido alegórico da referência a esta espécie. (20 pontos)

5. **Identifique** a figura bíblica a que é comparado o Polvo, **explicitando** a relevância argumentativa e persuasiva desta comparação. (20 pontos)

GRUPO II - Leia o texto seguinte.

Anatomia da traição

A humanidade partilha alguns valores comuns que, em qualquer cultura, época ou tradição, definem a sua natureza. Um deles é o repúdio universal pelos traidores. Desde sempre a infidelidade foi sumamente desprezada, com delatores e apóstatas tratados como asco. Mas se os princípios da raça humana são gerais e permanentes, cada período, povo e doutrina tradu-los à sua maneira, sublinhando uns, esbatendo outros, nem sempre com o 5 indispensável equilíbrio.

Vivemos num tempo em que a eterna abjeção pela traição anda muito omissa. A cultura contemporânea admira a liberdade e o individualismo, que deram grandes ganhos na ciência, progresso e justiça. É pois inevitável que as virtudes complementares, lealdade ou obediência, acabem silenciadas ou até menosprezadas. «Fidelidade canina» é insulto. Ainda respeitamos os superiores e cumprimos deveres na comunidade, mas admiramos o atrevimento dos 10 rebeldes e o engenho dos espíões, raramente condenando a sua baixez.

A traição é tanto mais tolerável quanto mais próxima e efetiva é a afronta. No que toca aos princípios abstratos apresentamo-nos tão fiéis como sempre. Todos juram respeitar a justiça, democracia, liberdade e afins. Mas descendo a coisas mais concretas, como a pátria, a traição é muito menos repudiada que em épocas passadas. O patriota é visto como tolo e o nacionalista como perigoso. Quem fizer ações gravemente opostas ao interesse 15 nacional basta que invoque ideologia ou interesses particulares para isso ser compreensível ou até aceitável.

Se o patriotismo é relativizado, ainda é mais vaga a lealdade à comunidade, empresa, amigos. Enxovalham-se chefes, acusam-se governantes, suspeita-se de tribunais. Uma ligação, mesmo institucional, só é sustentável enquanto o interesse pessoal estiver alinhado com o grupo. Muda-se de clube sem dificuldade e abandonam-se alianças sem compromisso. Se houver algum problema é meramente legal, porque eticamente a carreira, sucesso e 20 até comodidade de cada um são hoje argumentos para justificar qualquer trãsfuga. Admira-se quem denuncia os seus e desconfia-se de quem os defende. Talvez não haja mais corrupção, mas como todos pensam que há, isso é pior do que haver.

[...]

25 Existe ainda uma forma mais profunda e radical de traição. Este texto começou afirmando que a humanidade partilha alguns valores comuns que definem a sua natureza em qualquer cultura. Hoje este postulado é discutido ou rejeitado frontalmente, vivendo-se um relativismo, quer filosófico quer pragmático.

É verdade que a nossa era proclamou os direitos humanos universais e muito se esforça por os defender. Mas a sua aplicação concreta vem sujeita à maior arbitrariedade. Esses direitos aparecem compatíveis, e até justificativos de infâmias como tortura, aborto, eutanásia, guerrilha, divórcio, casamento sem casais, manipulações genéticas, pena de morte, etc. Recusar a existência de valores universais e objetivos é a suprema traição pessoal porque constitui uma deslealdade à humanidade, à sua própria natureza.

João César das Neves, «Anatomia da traição», *Diário de Notícias*, 18/05/09 - (disponível em www.dn.pt, consultado em março de 2016)

1. Para responder a cada um dos itens de 6.1. a 6.7., selecione a única opção que permite obter uma afirmação correta.
 - 1.1. O adjetivo “omissa” (linha 6) é sinónimo de
 - (A) presente
 - (B) passiva
 - (C) esquecida
 - (D) mencionada
 - 1.2. Em tempos passados, a traição era
 - (A) muito tolerada
 - (B) muito condenada
 - (C) inexistente
 - (D) ignorada
 - 1.3. Hoje em dia, os Direitos humanos Universais são
 - (A) totalmente respeitados a nível mundial
 - (B) desrespeitados em inúmeras situações do quotidiano
 - (C) completamente esquecidos
 - (D) considerados ultrapassados
 - 1.4. A expressão sublinhada em “Esses direitos aparecem compatíveis, e até justificativos de infâmias como tortura, aborto, eutanásia, guerrilha, divórcio, casamento sem casais, manipulações genéticas, pena de morte, etc.” (linhas 28-30) introduz
 - (A) uma enumeração
 - (B) uma comparação
 - (C) uma explicação
 - (D) uma conclusão
 - 1.5. O sujeito das três formas verbais que se seguem “Enxovalham-se chefes, acusam-se governantes, suspeita-se de tribunais.” (linhas 16-17) é
 - (A) nulo subentendido
 - (B) composto
 - (C) simples
 - (D) nulo indeterminado
 - 1.6. O constituinte destacado em “Mas se os princípios da raça humana são gerais e permanentes, cada período, povo e doutrina tradu-los à sua maneira, (...)” (linhas 3-4) desempenha a função sintática de
 - (A) Sujeito
 - (B) complemento oblíquo
 - (C) complemento direto
 - (D) predicativo do sujeito
 - 1.7. Em “e cumprimos deveres na comunidade” (linha 9) ocorre
 - (A) uma oração coordenada
 - (B) uma oração coordenada copulativa
 - (C) uma oração coordenada adversativa
 - (D) uma oração coordenada conclusiva

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

- 2.1. Refira o valor da conjunção “mas” (linha 3). (5 pontos)
- 2.2. Transcreva o referente do pronome pessoal presente em “tradu-los” (linha 4). (5 pontos)
- 2.3. Atente nas seguintes frases do texto.
 - “No que toca aos princípios abstratos apresentamo-nos tão fiéis como sempre.” (linhas 11-12)
 - “Hoje este postulado é discutido ou rejeitado frontalmente, vivendo-se um relativismo, quer filosófico quer pragmático.” (linhas 25-26)

2.3.1. Indique , exemplificando, os tipos de débitos presentes neste enunciados. (5 pontos)

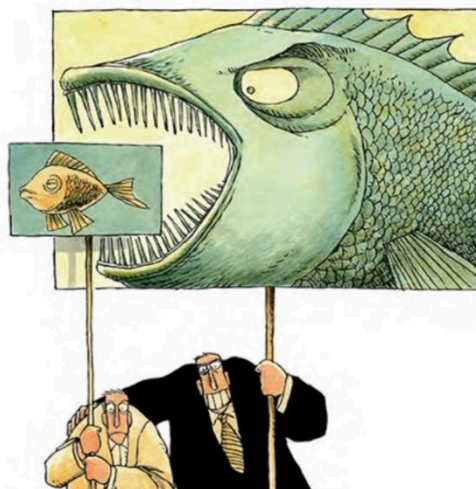
GRUPO III

Elabore uma apreciação crítica (entre 160 – 200 palavras) do *cartoon* do grego Michel Kountouris, galardoado, em 2015, com o primeiro prémio na categoria de Humor do *World Press Cartoon*, respeitando as marcas específicas deste género textual, relacionando-o com a obra do padre António Vieira.

Preste atenção aos tópicos de análise:

- Descrição do *cartoon* (sentido denotativo);
- Diferentes planos da imagem;
- Expressão facial das figuras representadas;
- Sentimentos que possam caracterizar as figuras;
- Representação metafórica de uma realidade e atualidade da mensagem;
- Relação temática com o *Sermão de Santo António* do Padre António Vieira.

Utilize um registo de língua correto,
acentuação, na ortografia,



vocabulário adequado ao tema, correção na
na sintaxe e na pontuação.